

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ADERENTE Á A. I. T.

DIRECTOR		EDITOR
MARIO CASTELHANO		SILVINO DE NORONHA
ASSINATURA INCLUINDO O SUPLEMENTO SEMANAL PAGAMENTO ADIANTADO		
Continente, colônias e estrangeiro	Meses	Preços
Lisboa	1	9550
Província	3	28550
Africa portuguesa	6	66500
Estrangeiro	6	102500

SEXTA FEIRA, 5 DE MAIO DE 1927

O futuro da reacção nacionalista

A sociedade capitalista está doente. Apressou-lhe a sua decomposição a conflagração mundial que sendo de todas as carnificinas da história a maior, foi a mais inútil. O esmagamento dum grupo capitalista premeditado por outros grupos rivais não deu resultado esperado.

A breve trecho deu-se a circunstância de pouco diferirem as condições dos vencidos das dos vencedores. Em todos os países produziu-se uma crise enorme na produção, crise que abalou fortemente a sua organização capitalista. Os países de moeda fraca, cuja desvalorização se acentuou demasiadamente em pouco tempo lutaram com grandes dificuldades devido a não poderem negociar com os países cuja moeda manteve firme o seu valor. Estes, por sua vez, pléticos de riquezas sentiram, a pesar disso, roçar por elas a aza negra da catástrofe. A alta da sua moeda fez-lhes perder os seus mais importantes mercados. E, assim se explica a formidável crise na Inglaterra que até há pouco tinha mais de dois milhões de operários sem trabalho, a pesar da guerra ter constituído para a sua política e para os seus interesses, uma incontestável vitória.

Averiguou-se, então, que as pátrias, mesmo as mais ricas em condições naturais e as mais extensas em territórios não se bastavam a si mesmas, correndo o risco de, no caso de se prolongar o seu isolamento, sobressobrem.

A-pesar da formidável reacção nacionalista que se operou numa parte da Europa, o internacionalismo demonstrou, exuberantemente, seus notáveis progressos. O capitalismo tende a universalizar-se. A história, tão repetida pelos patriotas quando clamam contra a invasão do capital estrangeiro não representa a expressão dum sentimento, mas a "revanche" própria de quem vê irem parar a mãos extrañas negócios que as suas ambicionavam.

O capital há muito que não tem pátria; a sua regra de orientação não conhece fronteiras, pois que só uma coisa o preocupa e o interessa: arrancar dele o maior rendimento. Veja-se, por exemplo, o que se passou, neste país, com a venda da maioria das acções da companhia ferroviária da Beira Alta a um grupo espanhol. Na primeira assemblea geral dos accionistas troaram os protestos feitos por todos os que se sentiam feridos nos seus interesses, dissimulando-se todo esse ruido em razões espectaculosamente patriotas. Porém, na discussão averiguou-se que a entrada do capital espanhol poderia valorizar mais as ações da companhia e, logo, sem sensível transição as razões patrióticas se curvaram vencidas, anulando-se mesmo, desde que se colocou a ideia plausível dum maior dividendo.

As fronteiras comerciais regulam-se principalmente pelos interesses internos dos grupos capitalistas, havendo uns que adovam o protecionismo pautal, que agrava os consumidores, e outros o livre-câmbio, que agrava os produtores. Pois, acima dessas decisões patrióticas — patrióticas por ficarem condicionadas aos limites territoriais das pátrias — pairou, ameaçador e ousado, um manifesto internacional dos maiores banqueiros do mundo.

Que pretendiam elas? Universalizar ao máximo os negócios? Protestavam contra as barreiras alfandegárias e reclamavam que as fronteiras de todos os países abrissem, de par em par, as suas portas à livre entrada de mercadorias. Os interesses das pátrias ficavam, é claro, completamente postos de parte.

E os nacionalistas, Ti ver a m de curvar-se vencidas e impotentes perante essa grande potência que de há muito conquistou o mundo: o oiro.

Porém outro internacionalismo mais humano, equitativo e justo se ergue: o de todos os explorados pelas manobras e pelas especulações do capitalismo. E' entre os dois que se trava a mais incruenta das lutas, a única que terá na evolução das sociedades, uma influência decisiva. Quanto à reacção nacionalista só

O NOVO ELIXIR!

Uma doutrina política que cura todos os males e só é compreendida pelos seus partidários

De quando em vez surge-nos a *Idea Nacional*, com um sociólogo de verdes anos, a defender ideias maduras sobre as quais emite, com as mais profundas opiniões, as mais rasgadas e luminosas certezas acerca do futuro do país.

A gente lê, pasma de tanto saber, admira-se de tão grande certeza e louva-se até pela abundância, inexplicável e notável, de salvadores, de redentores de todos nós, gratuitos e oxalá que não — obrigatórios.

E claro que perante estes fabricantes de círculos prazerosos, estes adventícios da política abstracta, nós estamos numa inferioridade chocante e numa ignorância crassa. A nossa inteligência é inacessível às suas doutrinas, as quais, pelo que vemos, exigem, para serem atendidas, um cérebro adaptável a um monóculo, semi-miopia que o desmorona, o comércio não rouba nem no peso, nem na qualidade, nem no preço; os trabalhadores vivem felizes e radiantes, considerando o patrão um benfeitor e a sua sacrifício. A sociedade viverá, a-pesar da diversidade de ideias e interesses, numa harmonia máxima e perfeita e servirá apenás para constituir uma marcha «aux flambeaux» perpétua em homenagem aos homens que descobriram a solução de todos os problemas e encontraram, para a extinção de todos os males, os mais infalíveis elixires.

Uma coisa nos assombra: a sua admiração por Proudhon — pelo Proudhon agitador de ideias, pelo grande panfletário do golpe de Estado de Napoleão III que deixou três célebres negativas que são três formas de condenação da doutrina integralista: «Deus é o mal. A propriedade é o roubo. A anarquia é a ordem».

Já não nos admira a sua crítica negativa ao parlamentarismo, que foi copiada das teorias libertárias. Também não nos admira o seu sindicalismo integral que é a adaptação do sindicalismo revolucionário, tornado escravo submisso da «ordem nova» e lacônia da confraternização das forças da exploração com as forças do trabalho. E essa carência de admiração baseia-se na certeza plena que nós adquirimos, segundo a qual a doutrina integralista, possuindo todo o ineditismo próprio das coisas já conhecidas, pretende realizar uma experiência social com todos os métodos políticos de secular falácia.

Com essa refúgio deixariam os em maus lenços os que estão, todos os dias, espionando o seu jubilo pela manutenção duma situação que não visa a restaurar o trono, sentando nele, o sr. D. Duarte Nuno, que admira a paisagem portuguesa, que só conhece através dos postais ilustrados a cores berrantes e das fotografias que lhe mostram os seus partidários quando lhe vão manifestar a sua admiração pelos seus infantis, pelos seus precocíssimos talentos.

Assinem Os mistérios do Povo

EM MARINHA GRANDE

Prefende-se extinguir a Escola Industrial Guilherme Stefens

De visita à Marinha Grande, viemos surpreender no afan das suas manobras criminosas, um grupo de círculos, que vêm pondo em ação os seus instintos périgos e malvados. Não conhecemos esses tristes reflexos de taras perniciosas; essas misérias patológicas, esses caíques que envergonham a espécie.

Não temos o desprazer de conhecer os indivíduos que servindo-se da arma vil e traícieira — a mentira, esforçam-se tenacemente para que seja encerrada a Escola Industrial Guilherme Stefens desta vila.

A acção vergonhosa e reles de meia dúzia de patifes opõem-se o protesto da nossa indignação, não consentindo jamais que eles, para atingirem aqueles a quem odeiam, destruam um melhoramento tão útil como importante.

Não seremos, com o nosso silêncio, coinvoltos nessa façanha ordinária, própria de quem não tem consciência.

Se o corpo docente da Escola Industrial não satisfaz as exigências dos alunos façase a sua substituição, mas nunca se desça a mentira, à calúnia vil e reles, indo dizer que a Escola não tem freqüência.

Dizer semelhante cousa, e calcar a pé a verdade, é estrangular a consciência e mergulhá-la na lama da infâmia mais inqualificável!

Quem é homem pudentoso não pode associar-se a essa campanha de descrédito, que alguns vultos da Marinha teimam em levar por diante sem o mais pequeno desfalcamento, sem o mais pálido reflexo de remorso.

Ninguém pode defender a extinção de uma Escola, tão útil num centro fabril como é Marinha Grande.

Causa pena verificar que individuos não hesitem, pedindo insistentemente aos governos para que seja encerrada a Escola, para que sejam mandados cavar batatas os professores nela empregados.

Vê-se, por isso mesmo, que o alvo atingir por tais individuos, é nem mais nem menos do que o corpo docente.

Mais antipática se torna a acção desse

A doutrina integralista, a-pesar de só ser compreendida pelos seus partidários — assim exótica para raros apenas — fará a nossa felicidade. Em primeiro lugar, tudo está previsto com antecipação: os costumes não se desmoronam, as indústrias não sofrem crises, o comércio não rouba nem no peso, nem na qualidade, nem no preço; os trabalhadores vivem felizes e radiantes, considerando o patrão um benfeitor e a sua sacrifício.

Um fascículo de 48 páginas. 1927, pág. 22, registo, registado. 170.

Estão publicados os seguintes fascículos:

1.º — La era de la escrivitud;

2.º — La rebelión de Espartaco;

3.º — Abolición de la escrivitud;

4.º — Ayecion y Servindumbre;

5.º — La revolución de los siervos;

6.º — La miseria de los agricultores;

7.º — Transformación del Poder Fudal;

8.º — El comunismo cristiano;

9.º — La libertad ilusoria;

10.º — La agonía del absolutismo;

11.º — El trabajo motor universal;

12.º — El imperio de la gutihotina;

13.º — Las ideas sociales y la revolución francesa;

14.º — Los primeros tiempos del salarialdo;

15.º — Hospitalas, cárceles y asilos;

16.º — Las cruezas de la burguesía republicana;

17.º — Los miserables en la Edad Media;

18.º — Los héroes de la Comuna;

19.º — Horribles matanzas de Comunales;

20.º — La República Española / la clase obrera;

21.º — La Primera Internacional;

22.º — El socialismo ante el Parlamento español;

23.º — El futuro obrero proletizado por Casalier;

24.º — Pi y Morgall confunde a los enemigos del socialismo.

25.º — Los precursores del Proletariado moderno.

26.º — Crueldades burguesas.

27.º — Los mártires de Chicago.

28.º — Muerte heroica de cinco proletarios,

29.º — El proletariado en America.

30.º — Los dictadores mejicanos.

31.º — Conclusión.

Edições de A SEMENTEIRA

Práticas neo-maltusianas.

O sentido em que somos anarquistas

A peste religiosa.

A Liberdade.

A Internacional (música e letra).

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

\$50
\$50
\$50
\$50
\$50
\$50
\$50

NO EXTREMO ORIENTE

A situação na China

O afastamento dos Estados Unidos do concerto imperialista

As potências não chegaram ainda a acordar acerca da resposta a fazer à nota do sr. Chen. O afastamento dos Estados Unidos complicou a situação de tal modo que uma ação conjunta deve estar posta de lado.

Os Estados Unidos inclinam-se a aguardar os acontecimentos, não subcrevendo qualquer nota que se pretenda enviar ao governo nacionalista. O presidente Coolidge declarou mesmo que o momento que é inopportuno para uma ação combinada das potências, embora não deixe de se tornar indispensável o acordo de todas.

O famoso William Green, chefe do reformismo norte-americano, fareja as declarações dos diplomatas dos seu país e repele-as depois como critério próprio. Assim, ele entende que as potências devem renunciar imediatamente as concessões na China e retirar imediatamente as suas tropas, a fim-de que a China fique entregue à solução dos seus próprios assuntos. O sr. Green não quer, porém, a influência soviética na vida política da China.

Então para isso, pedem a extinção da Escola. Que a Marinha Grande fique sem Escola, que esta vila fique privada duma coisa tão preciosa, isso é indiferente, a quem não olha aos resultados que vão ser submetidas a julgamento no tribunal especial.

Em compensação, fica riscada a traços que amigava a planta mimosa, levada a cabo por indivíduos tarados e criminosos. Ficam ainda os escombros dum obra que muito e muito beneficiaria Marinha Grande.

Fica finalmente pelos tempos fora uma vergonha atestando, de que a mentira e a falsidade são absolutamente suficientes, para deitarem a terra uma Escola, tão útil, e cujo encerramento tanta falta está fazendo.

E a propósito, ocorre-nos perguntar:

Porque tem a imprensa feito à volta deste tenebroso atentado um silêncio tão absoluto? Haverá aqui grosso escândalo? Ah! nós iremos saber o que há de verdade em tudo isto.

Alves de FREITAS

CONFERÊNCIAS

Agitação política na Alemanha

Os comunistas e os nacionalistas em guerra aberta

BERLIM, 5.—O governo da Prússia permitiu a demonstração comunista no fim desta semana, baseando-se na constituição da República que garante o direito de reunião.

Contudo, a polícia publicou uma proclamação assegurando que a ordem será mantida.

EFEMÉRIDES

6 de Maio

1527.—As tropas espanholas demonstram o valor da sua "civilização" saqueando a cidade de Roma.

1543.—Auto de fé em Tomar, figurando 8 pessoas, sendo uma mulher relaxada ao braço secular.

1678.—Morre Jansénio, bispo de Ypres, fundador da seita dos *Jansenistas*, a que pertenceu Brás Pascal.

1808.—Numa circular dirigida ao clero espanhol, o conselho da inquisição aponta o levantamento de Madrid, dia 2, contra os franceses, de «Sublevación escandalosa» e de «Desordenes revolucionários com a máscara do patriotismo».

1858.—Morre Humboldt, criador da fisiologia terrestre.

1898.—Começam os tumultos em Milão, que terminam quatro dias depois, após um violento tiroteio e canhoneio.

1899.—Sebastião Faure é preso em Bruxelas.

1900.—Importantes comícios em Lisboa e Póvoa, contra o aumento dos impostos.

1912.—Metzschkoff descobre a vacina contra a febre tifoide.

1913.—Schinias, o executor do rei Jorge, da Grécia, suicida-se na prisão.

Inquilinos e senhorios**Sem casa e ainda presa por cima**

Ontem de manhã, no hospital de São José, era voz corrente o caso de uma pobre senhora que se encontrava presa na enfermaria de Santa Isabel e com o cabo 163 à vista.

Inquirindo do que se tratava viemos a apurar que essa senhora, D. Maria Cândida Vieira de Sá Antunes, residente na traveza de S. Mamede, 56, 1.º, encontrava-se enferma na referida residência, que porventura era invadida por um oficial do exército que ordenou a prisão de 6 senhoras, uma a que acima referimos, e 5 que foram para a esquadra do Caminho Novo.

Ao acto do príncipe sucedeu-se o despejo dos pobres haveres das criaturas ora a ferros.

A 15 horas foi dada ordem de soltura e alta à sr. D. Maria Cândida Vieira de Sá Antunes.

Um despejo original

Outro caso de inquilinato. Mais um desprotegido que ficou sem a habitação onde residia. Em duas linhas conta-se o caso.

Na passada terça-feira, Joaquim Alves Pinto, morador na Praça Marquês de Pombal, 6, cave, direito, foi intimado a comparecer na esquadra de Santa Marta para prestar declarações. Assim fez e ali foi intimado a abandonar a casa que habitava no prazo de 24 horas.

Como a vítima não se conformasse com a violência o chefe da referida esquadra ordenou ao cabo 102 e a dois guardas que retirassem de lá toda a mobília.

A ordem foi cumprida e os haveres daquele indivíduo ficaram ao relento se não fossem recolhidos por algumas inquilinas do prédio onde se deu o caso.

Perguntamos: então já não é a Boa-Hora que ordena os despejos?

Pessoal dos hospitais civis**Um decreto que regula a sua passagem à inactividade**

Deve ir hoje para o *Diário do Governo* o decreto regulando a situação dos funcionários dos hospitais civis na sua passagem à inactividade e que é do teor seguinte:

«Convido corrigir certas disposições do decreto-lei n.º 4.641, de 13 de Julho de 1918, em vigor nos hospitais civis de Lisboa, por virtude do decreto n.º 10.414, de 27 de Dezembro de 1924, cuja aplicação é de difícil execução, pelas interpretações contraditórias a que se prestam;

Usando da facultade que me confere o n.º 2.º do artigo 2.º do decreto n.º 12.740, de 26 de Novembro de 1926, sob proposta dos ministros de todos as repartições:

Hei por bem decretar, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º—As alíneas a) e b) de n.º 4.º do artigo 120.º do decreto-lei n.º 4.641, de 13 de Julho de 1918, passam alter a seguinte redacção:

a) Doente por um período superior a 6 meses;

b) Incapaz em resultado de serviço, definitivamente comprovado, ou desastre ocorrido em serviço, por um período superior a 6 meses.

Art. 2.º—Os períodos de seis meses a que se refere o artigo 116.º do decreto-lei n.º 4.641, para o efeito das inspecções pela Junta Médica, poderão ser reduzidos a menor tempo, sempre que a direcção geral dos Hospitais Civis de Lisboa assim o entender.

Art. 3.º—Fica revogada a legislação em contrário.»

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 52 desta novela intitulada *La hija del verdugo*, de Federica Montenay. Preço, \$80.—Pedidos à administração de *A Batalha*.

ARTE

1.º Salão dos Estudantes da Universidade de Coimbra

Realiza-se em fins de maio, o 1.º Salão de Arte dos Estudantes da Universidade de Coimbra, organizado por vários alunos daquele estabelecimento de ensino, sob a presidência do sr. Diogo de Reziz, quintanista da Faculdade de Direito.

Entre outros expõem os srs. Diogo de Reziz, Atílio Vicente, João Carlos, Armando Mesquita, etc.

O regulamento será brevemente publicado.

dos seus direitos parlamentares por oito dias. (L.)

As explicações hipócritas do sr. Baldwin

LONDRES, 5.—Na sessão de ontem na câmara dos comuns o sr. Baldwin, falando sobre o projecto de repressão das greves, constatou a tendência das organizações operárias para abandonarem a acção constitucional, deixando-se sugerirem por influências que a comprometem. Durante o seu discurso, o sr. Baldwin foi constantemente interrompido pelos trabalhistas, alguns dos quais chamaram-lhe mentiroso. (L.)

Questões de economia**O capital**

Tratemos de ver com clareza o que é o capital.

Este é, antes de tudo, um valor dado, quer seja em forma de dinheiro, máquinas, matérias primas, quer sob a forma de mercadoria determinada. É, no entanto, um valor que produz valores maiores. A produção capitalista consiste na produção do maior valor, isto é, o lucro.

Na sociedade capitalista as máquinas aparecem, e também as fábricas, como capital. Porém será sempre capital?

Certamente não. Se toda a sociedade constitui uma economia de camaradas, produzindo todos para ela mesma, nem as máquinas e nem as fábricas seriam capital, porque não constituíram meios para criar lucros em favor de poucos ricos.

As máquinas se convertem em capital só quando são propriedades privadas da classe capitalista, quando servem para exploração do trabalho assalariado.

A forma do valor é, neste caso, diversa: elas podem consistir em discos metálicos, moedas ou mesmo notas de Banco, com as quais compraria o capitalista a força de trabalho e os meios de produção. Esse valor pode estar representado também por máquinas, com as quais trabalham os operários, ou com matérias primas, com as quais elles produzem as mercadorias, ou por mercadorias determinadas e destinadas à venda.

Quando serve para a produção de mais valia, é quando se converte em capital. O capital varia sua forma exterior. Vejamos como se opera esta transformação:

a) O capitalista não adquiriu todavia nem a mão de obra e nem os meios de produção — máquinas, etc. Ele deseja ter operários, adquirir a maquinaria, as matérias primas, os combustíveis, etc., porém, até agora não possui mais do que dinheiro. Neste caso o capital se apresenta em sua forma monetária.

b) Com este dinheiro vai ao mercado.

Aqui tem lugar a aquisição dos meios de produção e da mão de obra. O capitalista se despojou da sua forma monetária e aparece na forma de capital industrial. Depois começa o trabalho. As máquinas estão em ação; giram as rodas, movem-se as correias, os trabalhadores em geral se fatigam, as máquinas se gastam, as matérias primas se consumem e a força produtora se extingue.

c) As matérias primas, a maquinaria gas- tada e a força produtora consumida, se transfor- maram de pouco em pouco em mercadorias.

Nesse momento o capital perde sua forma de empresa industrial e aparece em um excesso de mercadorias. Eis ai, pois, o capital sob a forma de mercadorias. Este, porém, não só troucou de forma, como aumentou também o valor, porque o processo de produção lhe aumentou a mais valia.

d) Porém, o capital não produz as mercadorias para uso próprio senão para o mercado, para a venda. O que se acumulou em seus armazéns deve vender-se. No primeiro caso o capitalista foi ao mercado como comprador, e agora volta lá como vendedor. A princípio tinha dinheiro nas mãos e queria mercadorias (mercadorias de produção, é claro). Agora dispõe de mercadorias e deseja dinheiro. Quanto vende sua mercadoria, o capital passa novamente da forma mercadoria à forma dinheiro. Portanto, esta forma dinheiro, que o capitalista recebe, não é já aquela originariamente gasta, porque esta foi aumentada com o importe integral da mais valia.

Não se termina todavia com isto o movimento do capital.

O capital aumentado é novamente posto em circulação, produzindo uma maior mais valia. Esta mais valia é acrescentada em parte ao capital, e começa um novo ciclo.

O capital assemelha-se a uma bola de neve, isto é, a cada volta se lhe agarra uma maior quantidade de mais valia.

Simplificemos: a produção capitalista se desenvolve e se expande «compressormente». Deste modo o capital extrae a mais valia da classe trabalhadora, estendendo-se por toda a parte. Sua progresso rápido se explica por suas qualidades particulares.

A exploração de uma classe por parte de outra se conhecia também em outros tempos.

Tomemos por exemplo um feudalismo que soube tirar da sua mão conduita a fortuna ou renome, podendo-se então comparar à mulher honesta pela consideração que se lhe testemuña.

(Felicitase um amigo por sua esposa ter dado a luz um menino; por não feminino seria uma injúria grosseira para a sua filha).

Ora de quem se compõe esta classe? Simplesmente de meninas que as circunstâncias de nascimento, de fortuna, dum físico sedutor, dum educação ou dum instrução postergadas, coisas de que elas não são responsáveis, ou excepcionalmente dum protegidas a pesar de todas as circunstâncias por uma delicadeza de sentimentos que em certos casos chega ao heroísmo; são as mulheres honestas.

E é preciso não esquecer nesta categoria a mulher que soube tirar da sua mão conduita a fortuna ou renome, podendo-se então comparar à mulher honesta pela consideração que se lhe testemuña.

(Felicitase um amigo por sua esposa ter dado a luz um menino; por não feminino seria uma injúria grosseira para a sua filha).

Ora de quem se compõe esta classe? Simplesmente de meninas que as circunstâncias de nascimento, de fortuna, dum físico sedutor, dum educação ou dum instrução postergadas, coisas de que elas não são responsáveis, ou excepcionalmente dum protegidas a pesar de todas as circunstâncias por uma delicadeza de sentimentos que em certos casos chega ao heroísmo; são as mulheres honestas.

Há motivos de sobra para que o primeiro seja dos nossos; o segundo logo que as enfermidades lhe fazem cruelmente sentir as consequências dos seus divertimentos, suspira depois por medidas mais draconianas ainda do que aquelas que a-pesar-de todos as promessas dos seus companheiros, não lhe puderam dar a segurança na prática.

Casado ou não, o homem que se liga a uma mulher, aí de se ter contaminado por amores avusos, verá todas as mulheres atrás da sua companheira, da mesma forma que o estroina à sua esposa, que qualquer circunstância atirou para o seu leito, através de todas as mulheres com quem antigamente.

Há motivos de sobra para que o primeiro seja dos nossos; o segundo logo que as enfermidades lhe fazem cruelmente sentir as consequências dos seus divertimentos, suspira depois por medidas mais draconianas ainda do que aquelas que a-pesar-de todos as promessas dos seus companheiros, não lhe puderam dar a segurança na prática.

Ele não terá senão a negativa satisfação de contaminar, talvez, e nem nem nenhuma restrição administrativa, algumas mulheres sãs, que tenham, por uma viagem oportuna, fugido à paternal administração dos costumes, para retomar as suas ocupações com tanto maior soma de actividade e perigo como anteriormente lhes havia sido impossível de fazer.

Mas concluimos pendo diante do leitor o que se segue:

Ónde se manifesta o bom senso: em ensinar ao jovem o perigo das armas de fogo e recomendar-lhe o não se habituar a servir-se delas sem utilidade, ou em pôr à sua disposição todas as qualidades de armas, bicas ou ruíns, isto é, incitá-lo a servir-se delas, armas sóbrias as quais o Estado afirma ter exercido o seu controlo?...

Dr. André MORIN

Crise de trabalho no Comércio

Continua aberta a inscrição de desempregados no Sindicato dos Empregados de Comércio e Indústria de Lisboa, no Largo S. Domingos n.º 11, j. 2.º

A comissão mista de desemprego que elaborou uma representação, sugerindo ao sr. ministro do Comércio alguns alvos para debelar a crise, conta muito em breve ser recebida por aquela entidade.

Sendo a classe mais atingida pelo desemprego, pensa também a comissão solicitar que o crédito votado para as comissões administrativas dos municípios seja destinado a qualquer verba para os desempregados, mais necessitados e com maiores encargos de família.

Dr. André MORIN

0 1.º de Maio e a organização operária

Na Mica de São Domingos

MINHA DE SÃO DOMINGOS, 2.—Pela primeira vez, nesta Mica, foi feriado o dia 1.º de Maio. Ainda houve operários que trabalhavam mais de 48 horas durante a semana (todas consideradas normais pelas leis da Empresa), também trabalharam neste dia, não reclamando o extraordinário.

Por que se é?—C.

N. BUKARIN

Os Mistérios do Povo

Foi posto à venda na nossa administração o volume encadernado dos "Mistérios do Povo": AS FILHAS DE CARLOS MAGNO.

MOVIMENTO MARITIMO

Entraram ontem no nosso porto os vapores ingleses «Singleton Abbey», de Cardiff, com carvão, e «Avocetas», de Liverpool, com 63 passageiros em trânsito; portugueses «Lobito», de Rotterdam, Antuérpia e Leixões, ambos com carga diversa, e chalupa espanhola «Lisires», de Cadiz, com sal para San Sebastian, arribada com avaria.

Despacharam para sair os vapores: inglês «Dominion Castle», para Hamburgo; português «Silva Gouveia», para o Funchal, S. Miguel, Faial e Bissau, ambos com carga diversa; espanhol «Gloria», para Castro Urdiales, vaso, e chalupa espanhola «Lisires», para San Sebastian com sal.

LONDRES, 5.—Na sessão de ontem na câmara dos comuns o sr. Baldwin, falando sobre o projecto de repressão das greves, constatou a tendência das organizações operárias para abandonarem a acção constitucional, deixando-se sugerirem por influências que a comprometem. Durante o seu discurso, o sr. Baldwin foi constantemente interrompido pelos trabalhistas, alguns dos quais chamaram-lhe mentiroso. (L.)

As explicações hipócritas do sr. Baldwin

LONDRES, 5.—Na sessão de ontem na câmara dos comuns o sr. Baldwin, falando sobre o projecto de repressão das greves, constatou a tendência das organizações operárias para abandonarem a acção constitucional, deixando-se sugerirem por influências que a comprometem. Durante o seu discurso, o sr. Baldwin foi constantemente interrompido pelos trabalhistas, alguns dos quais chamaram-lhe mentiroso. (L.)

A BATALHA

DIARIO SINDICALISTA

6-5-1927

Quesões de economia**O capital**

Tratemos de ver com clareza o que é o capital.

Este é, antes de tudo, um valor

SECCAO DE LIVRARIA DE "A BATALHA"

PUBLICACOES
SOCIOLOGICAS

—Organização Social Sindicalista Antonelli, —A Russia bolchevista... Cura Merlier, —A razão dum padre Dufour, —O sindicalismo e a proxima revolução (2 volumes)... Emílio Bossi, —Cristo nunca existiu, São Williams, —Relatório dos delegados I. W. W. ad congresso da I. S. V. de Moscou... Gustavo le Bon, —As primeiras consequências da guerra... Ensaios psicológicos da guerra europeia... Leis psicológicas da evolução dos povos (enc.)... Guyau, —Ensaios duma moral sem obrigação nem sanção... Educação e Hereditarietade... Ramon Aconferência da paz e sua obra As lições da guerra mundial... O movimento operário da Gran-Bretanha... Psicologia do socialista-anarquista A crise do Socialismo... A psicologia do militar profissional... Henrique Leone, —O Sindicalismo... Heliodoro Salgado, —O culto da Imaculada... Jean Gravé, —A sociedade futura... O indivíduo e a sociedade... Joseph J. Ettor, —Unionismo industrial... Julio Guedes, —A lei dos salários... Justus Ebert, —Os L. W. W. na teoria e na prática... Krapotkin, —Anarquia, sua filosofia e seu ideal A Grande Revolução (2 vol)... A moral anarquista... Os bastidores da Guerra... O Estado e seu papel histórico Lazar, —A Liberdade... N. Lénine, —Os problemas do poder dos Soviéticos... O Estado e a Revolução... Landauer, —A Social Democracia na Alemanha... Manuel Ribeiro, —Na linha de fogo... Marx, —O Capital... Melchior Inchofer, —Monarquia jesuítica... Nietzsch, —Anti-Cristo... Genealogia da moral... Neno Vasco, —Ao Trabalhador Rural —Georgicas... Conceição Anarquista do Sindicalismo... A greve dos inquilinos... Tomás da Fonseca, —Sermões da Montanha... Noviço, —A emancipação da mulher Patau e Pouget, —Como faremos a revolução... Perito de Carvalho, —Notas e comentários... Roberto das Neves, —O espetro de Buíça... Sebastião Fauro, —Doze provas da inexistência de Deus...

Experimentar é adoptar

O único que rivalisa excedendo em qualidade as melhores marcas estrangeiras

POA RODRIGUES

O MAIS ESPECIAIS DESTRUIDOR DE BARATAS, PULGAS, FORMIGAS, PERCEVILHOS, ETC.

Pedir em todas as Drogarias, Mercearias e Lojas de Ferragens E PARA REVENDA

Aos depositários — **SALVADOR BARATA, Lda** 19-N. RUA DE BRIVOTAS, 19-E Tel. T. 540-TELE. GAIOLA-Lisboa (FABRICANTES DOS ALVALADES MARCA "GAIVOIA")

Os agentes — R. Dr. Sousa Viterbo, 110-Pórtico José Góis e Ferreira & C. Centro Comercial de Drogas, 19-A Coimbra

NORTE 5521 e 5528

São os telefones dos 60 taxis

CITROËN

(Palhinha amarela)

DA

Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

que devido aos seus postos e garages espalhados pela cidade servem os seus clientes com grande economia de tempo e de dinheiro

GARAGES: Avenida Visconde de Valmor, 70 a 76 (sede) e Avenida Almirante Barroso, 21

SUCURSAL: Largo da Estação do Rossio

AGENCIA INTERNACIONAL DE VIAGENS

HENRIQUE BRAVO

O agente oficial mais antigo de Portugal

SERVICOS INTERNACIONAIS DE PASSAGENS E PASSAPORTES

Rua Nova do Carvalho, 38, s/n. D.—Lisboa

TELE FONE CENTRAL 2532 GRAMAS: BRAVINHAGEM—LISBOA

Foi esta agência quem se encarregou do passaporte de MISS PORTUGAL, para seguir para a América do Norte, a tomar parte no Concurso Internacional de Beleza.

A EPOPEIA DO TRABALHO

POR —
Ferreira de Castro, com desenhos de Roberto Nobre

Esplêndido livro, que é um verdadeiro hino ao Trabalho, com dezenas de gravuras. A venda nas livrarias, ao preço de 6\$00 e, à corrente, de 7\$00.

Pedidos à Livraria Renascença, de J. Cardoso, editor. Rua dos Poais de São Bento, 27 e 29 e à Administração de A Batalha, calçada do Combro, 38-A, 2º — Lisboa — Portugal.

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. L. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arckino. Preço 1\$50.

Arquivo do enfermeiro

Publicação mensal de conhecimentos de enfermagem e pequena cirurgia; útil a todos.

Assinaturas trimestre 6\$00 — Avulso 2\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.

Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda uma bela obra de RICARDO MELLA,

IDEARIO

que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capítulos:

Doctrina — Crítica Social — Educação — Literatura — Tática — Evolução e Revolução — Violência — Libertad — Autoridade — Ensaios Filosófico-Literário — Ideias iconoclastas — Moral — Temas sociológicos — Pedagogia — Vida Espiritual — Homens Representativos — Trabalhos Polémicos — Letras — Frases — Inédito.

Preço 18\$00 — Pelo correio 19\$50

Debêdos à Administração de A Batalha.

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos. Pedidos a:

FRANCISCO LATTA
LARGO DO CONDE BARÃO, 55

Tabacaria e Kiôsque

Biblioteca de Instrução Profissional

Elementos gerais

Álgebra elementar...
Aritmética prática...
Desenho linear geométrico...
Elementos de electricidade...
Elementos de física...
Elementos de Mecânica...
Elementos de Modelação...
Elementos de Projeções...
Elementos de Química...
Geometria plana e no espaço...
Fabricante de tecidos...

Mecânica

Torneiro e Frezador mecânicos...
Desenho de máquinas...
Material agrícola...
Nomenclatura de caldeiras e máquinas a vapor...
Problemas de máquinas...

Construção Civil

Acabamentos das construções...
Alvenaria e Cantaria...
Edificações...
Encanamentos e subridade das habitações...
Materiais de construção...
Terraplenagens e alforques...
Trabalhos de Carpintaria...

Diversas indústrias

Condutor de Máquinas...

Fogueiro...

Formador e estucador...

Fundidor...

Pilotagem...

Indústria alimentar...

Ladaria do vidro...

...

Livraria de A BATALHA

OBRAS DE LITERATURA, SCIÉNCIA E ENSINO

Abel Botelho — Amália...
Alexandre Herculano...

Lendas e Narrativas (2 volumes)...
Cartas (2 volumes)...
História da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal (3 vols.)...

Adelmo Lima...

Contrato do Trabalho...

Educação e ensino...

O ensino da história...

Aquino Ribeiro...

Anatole France...

Estrada de São Tiago...

Jardim das Tormentas...

Via Sinuosa...

As Filhas da Babilónia...

Terras do Demo...

Augusto Machado — Impossível redenção (novela)...

Augusto de Sousa — Fólias perdidas (fados)...

Bento Faría — Missa nova (teatro em verso)...

Blas São-José — Loucura de Jesus...

Buckner — O homem segundo a ciência...

Charles Darwin — Origem das espécies...

Camps Lima...

O Estado e a evolução do Direito...

O Amor e a Vida...

Ceia dos Pobres...

A Revolução em Portugal...

Cristiano Lima — A escola de Nun'Alvares (novela)...

Duarte Lopes — Frei Sangue...

Ega de Queiros...

O crime do Padre Amaro...

O príncipe Basílio...

O Mandarim...

Os Maia (2 vols.)...

A Reliquia...

A Cidade e as Serras...

Fradique Mendes...

Casa Ramires...

Prosas Bárbaras...

Ecos de Paris...

Cartas Familiares...

Cartas de Inglaterra...

Minas de Salomão...

Notas Contemporâneas...

Últimas páginas...

Contos...

Ernesto Haackel...

História da Criação...

Origem do Homem...

Os enigmas do Universo...

Monismo...

Religião e evolução...

As maravilhas da vida...

Faquet — Iniciação filosófica...

Iniciação literária...

Faria de Vasconcelos...

Problemas escolares...

Por terras de Éden mar...

Ferreira de Castro...

Sangue Negro...

Sendas de Lirismo e de Amor...

A Peregrina do Mundo Novo...

F. Castro e E. Frias — A Bóca da Esfinge...

Fiamaran...

Iniciação gastronómica...

Contos de Inar...

Como acabar o mundo?

Os habitantes dos outros mundos anestesiados...

Faial e Dantec — As influências anestesiadoras...

Faial de Almeida...

Lisboa Galante...

Estâncias de Arte e Saldade...

Figuras de destaque...

Actores e Autores...

Contos...

A Esquina...

Aves Migradoras...

Barbear, Pentear...

Cidade do Vício...

Pasquínadas...

Pais das Uvas...

Saibam quantos...

Vida errante...

Vida frívola...

Guerra Junqueiro — A morte de D. João Musa em férias...

Os Simples...

A velhice do Padre Eterno (Edição de luxo).

Brochado...

Gorki — Os Degenerados...

Os Vagabundos...

Na Prisão...

A BATALHA

ANALISANDO

Uma era de ordem, de harmonia e trabalho, só será possível dentro dum regime de igualdade social

«Restabeleçamos a ordem» é a frase que agora mais ouvimos pronunciar aos que, indistintamente, compõem as castas privilegiadas.

Todos elas à porfia das colunas dos seus jornais pregam que é preciso pôr um termo à negrada que são as revoluções, os pronunciamentos e os desvios políticos, e iniciar um período novo de tranquilidade e de segurança que garanta às forças económicas a possibilidade de desenvolveremivamente e sem riscos as suas faculdades de trabalho—as únicas verdadeiramente criadoras e fomentadoras do progresso e da civilização.

E ouvindo-os falar assim, quem viesse dum outro mundo, suporia que tal gente se agitava por que fosse instaurada uma nova ordem social, na qual a todos igualmente fosse conferido o pleno direito de produzir e garantido, sem ameaças ou perigos de latrocínios, o produto do seu trabalho.

Nada disso, porém, essa gente pretende. A «ordem» no seu entender não significa o estabelecimento dum sociedade, baseada na harmonia dos interesses e no bem-estar geral mas sim na impossibilidade na submissão da classe trabalhadora perante os roubos e as humilhações de que constantemente é vítima.

Para os industriais representa essa ordem a faculdade de explorar abusivamente os seus empregados com salários miseráveis e longas horas de trabalho, sem que estes soltem o mais pequeno queixume.

Para os comerciantes consiste no direito de roubar escravidamente os consumidores no peso, no preço e na qualidade dos géneros, sem que estes possam proferir qualquer protesto ou esboçar um gesto de rebolta.

E para os negociantes de mentiras religiosas significa essa palavra a liberdade plena de viver na ociosidade, intrajunto, e explorando a ignorância e as credades púlpares.

Ora uma «ordem» nestas circunstâncias—baseada na passividade dos oprimidos perante os abusos dos opressores—é tudo quanto há de mais «desordenado» e antinatural e por isso foi, e é sempre utópica essa aspiração «ordeira» das classes conservadoras. A rebeldia e o descontentamento do proletariado são consequência directa da desigualdade económica, e portanto, enquanto esta subsistir é absurdo querer-lhe fazer desaparecer, porque nunca os efeitos puderam ser destruídos, sem que primeiro fossem anuladas as suas causas.

Como é sabido, graças ao privilégio da propriedade privada, um número reduzido de indivíduos detém presentemente nas suas mãos todos os meios de produção de que necessita a colectividade; e colocados numa situação perfeitamente anormal dentro da espécie humana estes indivíduos conservam-se, em virtude dos privilégios que disruptam completamente alheios aos sentimentos de solidariedade existentes em todas as espécies, sociáveis. E' por isso que todos eles quer sejam proprietários, industriais ou comerciantes, procuram sempre tirar da sua situação o maior benefício possível para as suas pessoas, sem se preocuparem com os interesses dos restantes, agindo em todas as circunstâncias absolutamente indiferentes às dôres e aos sofrimentos que do seu procedimento possam advir.

Assim, sem qualquer comoção encerram-les fábricas e oficinas, sabendo de antemão que com essas medidas vão causar a desgraça de milhares de famílias, nas quais há sempre inocentes crianças, que não têm outros recursos para viver senão o salário auferido por seus pais.

Sendo senhores não têm também escrúpulo algum pôr a dormir na rua, mesmo inválidos ou doentes, os inquilinos que não possam satisfazer as rendas exorbitantes que entendam exigir-lhes; e em todas as outras circunstâncias, que não vale a pena enumerar, de igual modo procedem.

Esperar outra coisa deles, atendendo à psicologia que lhes determina a sua posição, é com franqueza, ingenuidade, mais do que ingenuidade é cegueira o pretender-se que a acção malefica por elas exercida deixe de corresponder uma reacção da parte daquelas sobre as quais ela recaia.

A pesar de serem crucificados e lançados às feras nos círcos, os seus elementos mais activos, esse movimento contra a lei, a autoridade e a moralidade de Roma, avançaram sempre por todo o império, e os senhores de então só o conseguiram dominar, mediante a sua conversão, isto é, fingindo dar-lhe a sua adesão para depois dentro dele o poderem desvir facilmente do seu curso natural.

Foi pois só com astúcia e manha que estes poderosos conseguiram aniquilar a revolta dos cristãos, mas apenas momentaneamente, porque mais tarde, embora sob diversas formas, voltou ela a ressurgir, e perdurará enquanto subsistirem as causas que lhe deram origem.

No século XV reviveram impetuosa mente nas lutas religiosas e sobretudo no movimento anabaptista, e na própria revolução russa voltou a manifestar-se o espírito anti-autoritário e igualitário dos primitivos cristãos, agora já mais desprendido dos preconceitos religiosos, que têm sido um dos principais obstáculos à sua realização.

E' facto que esta última revolução, caída nas mãos dos autoritários, foi desviada dos

seus objectivos tendentes à libertação e emancipação integral da classe trabalhadora, mas isso não destrói contudo a afirmação de que as medidas repressivas jamais deram, ou darão, qualquer resultado prático.

Ninghém como a Rússia tsarista manifestou mais energia e severidade na solução do problema da «ordem». Ali só por se entregar um folheto de propaganda socialista a um operário, foi uma parapaga condenada por toda a vida a trabalhos forçados nas minas.

Bem sabemos, repetimos, que tendo sido ali mantido o princípio autoritário, novas castas privilegiadas no lugar das primitivas se vão reconstituir, mas estas também, mais cedo ou mais tarde, terão fatalmente a mesma sorte das anteriores; e destas vez se raram acatados mais eficazmente os seus resultados, porque as lições do passado alguma utilidade hão de ter de futuro.

E' o exemplo da Itália que presentemente de maior incentivo está servindo aos defensores da «ordem», baseada no esmagamento de todas as aspirações à vida e à liberdade do proletariado consciente.

Mas destruindo todas as louvanhas tanto dos próprios interessados como dos jornalistas mercenários, factos, como os vários atentados contra Mussolini, o assassinato de Matteotti, os incêndios e destruição de cooperativas, etc., demonstram-nos que a «ordem» existente na Itália é demasiado desordem.

O contrário mesmo é que seria para admirar, pois que nunca foi espesinhando, espancando e assassinando trabalhadores que se conseguia inaugurar uma época de paz, de harmonia e de trabalho.

As greves dos metalúrgicos já em regime fascista, e na qual tomaram parte os próprios sindicatos fascistas, mostraram-nos bem, por um lado, que a ganância do patronato será sempre irremovível e por outro lado que as greves não se fazem porque esteja num papel reconhecido esse direito, mas porque a elas são impelidos os trabalhadores pelo aguijão da fome a qual não tem, nem nunca terá, lei.

Sabe-se que na Itália, a pesar do regime de terror que lá prevalece, prossegue sem cessar o trabalho de reorganização das massas exploradas, porque a sua situação dolorosa obriga-as a agir, visto que de contrário morrerão de inanição.

A abolição das 8 horas de trabalho trouxe ali como consequência natural o agravamento do «chômage», nas cidades e nos campos; e por outro lado, o índice do custo da vida subiu de 630 para 752 durante o último ano, de forma que os salários mais elevados não passam actualmente de 85 000 dos salários de 1914. E tudo isto, como é natural, impõe os trabalhadores para a revolta, sem olhar às consequências.

Além disso a ameaça crescente da crise económica subsiste, não obstante as tentativas feitas para estabilizar a lira, encontrando-se a Itália, como o afirmou o burguês Léon Baly no reacionário órgão *Intransigeant*, numa situação mais desfavorável do que aquela em que se acha a Alemanha com a adopção do plano Dawes.

Em suma, na Itália como em toda a parte agravava-se sempre o mal estar da classe trabalhadora, porque os governantes, —cegos perante os ensinamentos da história,— em vez de tentarem extirpar os cancro's actualmente existentes, procuram unicamente abafar a violência os gritos de dor dos cancro's.

Ora, estes processos, embora pela ação do terror possam dar aparentemente resultados em certos momentos, nunca podem no entanto curar eficazmente o mal, estabelecendo de facto um regime de ordem.

Por isso se há alguém que com sinceridade deseja inaugurar uma era de paz e de tranquilidade, o que tem a fazer primeiramente a todos os que vivem imediatamente do seu trabalho o direito de produzir, terminando com esse poder descriptivo que permite que alguns indivíduos mantenham fábricas encerradas e campos incultos, por assim lhes convir aos seus interesses particulares, enquanto milhares de trabalhadores morrem de fome por não terem onde ocupar os braços.

Dé-se trabalho a todos os indivíduos válidos, e permita-se que os trabalhadores se organizem e se eduquem para uma vida social mais justa e mais livre, que o problema da «ordem» automaticamente será resolvido.

Quanto ao mais são tudo larachos dos piores desordeiros: os das chamadas forças económicas.

INTERESSES DE CLASSE

Reclamações dos ferroviários

A Comissão Delegada da Federação Ferroviária e do Sindicato dos Ferroviários do Sul e Sueste esteve ontem na presidência da República, afim de fazer a entrega de uma exposição referente aos passes que foram retirados a uma parte do pessoal, tendo sido recebida pelo dr. sr. Nobre da Veiga, que para com esta Comissão tem sido de uma grande delicadeza afirmando novamente que tratará com interesse da questão, junto do presidente da República.

A Comissão volta ali novamente na próxima semana.

As negociações sobre os ferroviários presos continuam, devendo ainda hoje a Comissão entrevistar várias entidades sobre o assunto.

La verdad sobre Jesus

por HAN RYNER

Conferência controvertida, realizada em 31 de Março de 1926, no Grande Salão das Sociétés Savantes de Paris. — Tradução espanhola de Elizolde com um desenho na capa de Shum.—Preço 1\$60. — A venda na administração de A Batalha.—PREÇO 1\$50.

REGRAS NATURO-VEGETARIANAS

por LHAU MASCARAUJO

A venda na administração de A Batalha.—PREÇO 1\$50.

CRONICA DO ESTRANGEIRO

As calamidades que assombram o mundo

As inundações do Mississippi

O dique mais forte rebentou, fazendo aumentar a superfície inundada

NOVA YORK, 5.—O dique mais forte do Mississippi, na Luisiana, rebentou a noite passada, aumentando com mais 3.000 milhas quadradas as 11.000 já inundadas.

Os técnicos atribuem o desastre à imperícia do engenheiro constructor, Milikenbend.

O rugido é formidável. 30.000 homens, mulheres e crianças, fogem pelas estradas,

sendo guiados por dois aeroplanos para a cidade de Vicksburg, onde se acumula

toda a espécie de meios de transporte. (L.)

Um grande lago em formação

NOVA ORLEANS, 5.—A região de Ballulah encontra-se já coberta pelas águas.

As inundações estendem-se a 50 milhas

pelo Oeste dos diques, subindo as águas nos campos a 10 pés de altura. A parte

norte da Luisiana ameaça tornar-se num grande lago. (L.)

Uma simpatia que nada remeda

ORLEANS, 5.—O arcebispo de Orleans e as municipalidades de Orleans e de Abbeville (em França), enviaram um telegrama de profunda simpatia às cidades americanas irmãs, Nova Orleans, Abbeville e Louisiana, vítimas das inundações do Mississippi.

(L.)

Um vulcão na Rússia

MOSCOWIA, 5.—O vulcão submarino

existente no mar Cáspio, próximo do cabo Kurius, entrou em erupção ontem à tarde.

As chamas, brotando da água, produziam um efeito surpreendente. (L.)

A política de guerras

Os desafios nos Balcanos

FIUME, 5.—O correspondente do Jornal de Italia, em Fiume, afirma que alguns navios franceses têm transportado grandes quantidades de material de guerra para a Iugoslávia. (L.)

A ocupação da Alemanha

BERLIM, 5.—Uma nota oficial informa

que o encarregado dos negócios da Alemanha, em Paris, está tratando com o sr. Briand da questão da Renânia e da redução dos efectivos da ocupação. (L.)

A bandeira sul-africana

CIDADE DO CABO, 5.—As comissões de vigilância da bandeira, nas áreas em que se fala o inglês, protestam contra a alteração que se pretende fazer pela proposta apresentada na reunião que a comissão do governo e os representantes das comissões de vigilância realizaram para esse fim.

(L.)

Uma ironia do sr. Briand

PARIS, 5.—O sr. Briand recebeu o leader pacifista austriaco, Condeweve Kargi, e aceitou a presidência da associação pacifista Pan-americana. (L.)

A vida burguesa

O chefe do Estado francês em Inglaterra

LONDRES, 5.—A visita oficial do presidente Doumergue a Londres está marcada para 16 de corrente. O programa das festas em sua honra compreende um banquete em Buckingham oferecido por Jorge V e um jantar no ministério dos negócios estrangeiros, a que assistirão o príncipe Henrique e o príncipe Artur de Connaught.

As boas vindas serão dadas pelo Lord

Maior numa grande parada militar e uma revista naval em que tomar parte duas esquadras completam asfestas, além de uma récita de gala no Garden. (L.)

Felicitações acácianas

SYNDNEY, 5.—O sr. Briand enviou um

telegrama de saudação ao governo australiano por ocasião da inauguração da nova capital federal. (L.)

O sábio Berthelot

Comemoração do seu centenário

PARÍS, 5.—Celebrou-se esta noite na Sorbonne o centenário do nascimento do eminente sábio Berthelot, sendo iniciada a subscrição pública para a construção da Casa de química. O sr. Painlevé celebra o Petit Parisien a grandeza da obra, ao mesmo tempo humanitária e científica, do criador da síntese química.

Na referida fábrica não é suportada outra organização, de modo que a União está

às portas de morte é sacrificada no seu

centenário. (L.)

Pequenas notícias

Uma conferência anti-proibicionista

ROMA, 5.—A conferência internacional

anti-proibicionista inaugurou ontem os

seus trabalhos com 200 delegados, tomando

também parte um delegado da Alemanha.

A conferência aprovou duas moções, no

sentido de ser reclamada a liberdade indi-

vidual para o consumo moderado das bebi-

das alcoólicas. Como se trata de uma

questão económica, a conferência concorda

também que ela seja levada à Sociedade

das Nações. (L.)

PARÍS, 5.—O secretário Moumousseau da

Terceira Internacional e onze comunistas